



COLEÇÃO
MEMÓRIAS INFINITAS

Santa Maria, n.1, Dezembro de 2021

COLEÇÃO

MEMÓRIAS INFINITAS

Santa Maria, n.1, Dezembro de 2021



Todo o conteúdo da Coleção Memórias Infinitas está licenciado com uma Licença:

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.



A **Coleção Memórias Infinitas** possui caráter público e gratuito, dessa forma, **NÃO** são cobrados custos ou taxas para submissão, processamento, publicação e leitura dos artigos.

Coleção Memórias Infinitas / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras (CAL). Centro de Documentação e Memória (CDM). – v.1. n.1 (2021) -. Santa Maria, RS, 2021-

Disponível em: <https://cdmufsm.com.br/publicacoes/colecao-memorias-infinitas/>
Semestral

1. Colégio Bom Conselho. 2. História. 3. Memória escolar. I. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). II. Centro de Artes e Letras (CAL).

CDU 37(09)

Ficha catalográfica elaborada por Rosane Scheffer Evaldt – CRB 10/2312
Biblioteca Central da UFSM

COLEÇÃO MEMÓRIAS INFINITAS

cdmufsm.com.br/publicacoes/colecao-memorias-infinitas/ – cdm@ufsm.br

EDITORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Maria

Prédio 16, CE, sala 3222 – Bloco A2

Fones: 55 3220 8359 – 55 3220 8025

Campus Universitário - Bairro Camobi

Email: ppgletras@ufsm.br

CEP 97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil

Site: www.ufsm.br/ppgletras



EXPEDIENTE

REITOR DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA

Paulo Afonso Burmann

DIRETOR DO CENTRO
DE ARTES E LETRAS

Claudio Antonio Esteves

VICE-DIRETORA DO CENTRO
DE ARTES E LETRAS

Cristiane Fuzer

COORD. DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Prof. Dr. Gil Roberto Costa Negreiros

COORDENAÇÃO DO CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA

Profa. Dra. Amanda E. Scherer

Prof. Dr. Enéias Tavares

Profa. Dra. Verli Petri

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Caciane Sousa de Medeiros

Prof. Dr. Enéias Tavares

Profa. Dra. Larissa M. Cervo

Profa. Dra. Taís da Silva Martins

Profa. Dra. Verli Petri

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Caroline M. Schneiders

Prof. Dr. Estanislao Sofia

Prof. Dr. Gerson Luiz Roani

Profa. Dra. Irène Fenoglio

Prof. Dr. José Edicarlos Aquino

Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão

Profa. Dra. Marluza da Rosa

Prof. Dr. Valdir Prigol

Profa. Dra. Vanise Medeiros

PRODUÇÃO EDITORIAL

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS

Profa. Dra. Amanda E. Scherer

Profa. Dra. Maria Iraci Sousa Costa

ASSESSORIA DOCUMENTAL

Irmã Leonilda Maria Augusti

Irmã Malvina Rossato

Prof. Rodrigo Moro Savegnago

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Heloisa Falqueto Caliman

ASSESSORIA TÉCNICA

Juliana Scariotti Cielo

Robson Severo

REVISÃO DE LINGUAGEM

Profa. Dra. Maria Iraci Sousa Costa

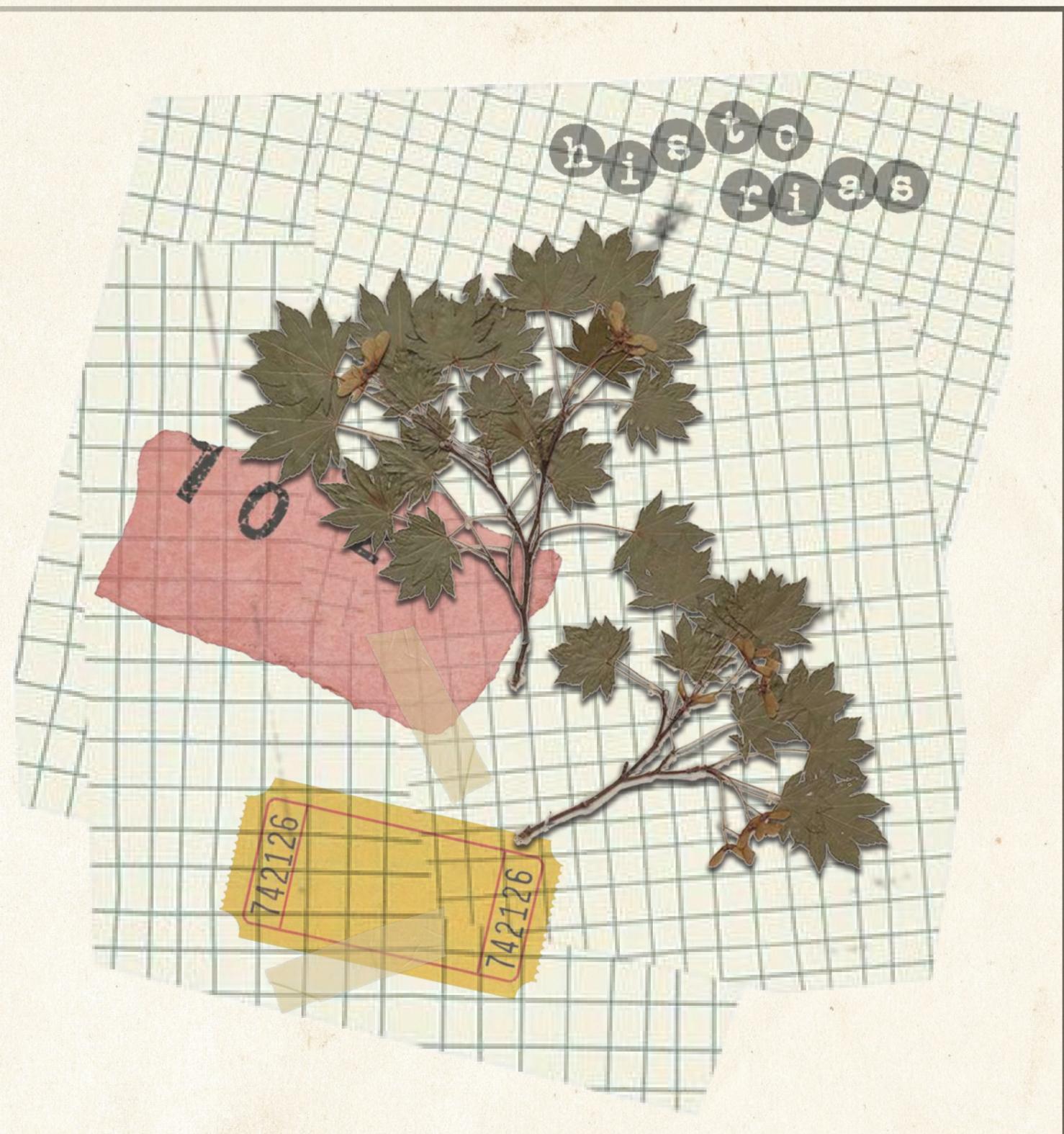
POLÍTICA EDITORIAL

A **Coleção Memórias Infinitas** tem por objetivo corroborar com uma política regional de guarda sobre a história e a memória escolar na região da Quarta Colônia (RS) e que estejam relacionadas aos geossítios dentro do Projeto Geoparques. Os registros podem ser feitos de diferentes formas de expressão cultural, linguística, arquitetônica, literária, histórica, artística, etc. Sua meta principal é criar uma cultura de Educação Patrimonial a partir de objetos, instrumentos linguísticos, materialidades as mais diversas, sobre a história da escola para que possamos implantar uma política de preservação e guarda de acervos sobre o ensino e a aprendizagem na região: dois pontos de sustentação e constitutivos do que somos no tempo presente.



SUMÁRIO

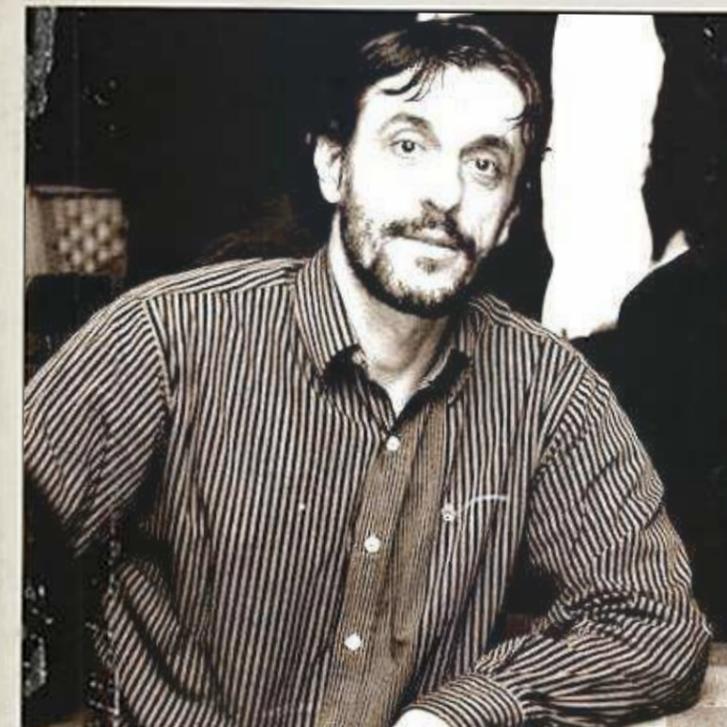
- 08** FRAGMENTO DE
UMA MEMÓRIA...
Prof. Rodrigo Moro Savegnago
- 10** MEMÓRIAS (IN)FINITAS
Profa. Dra. Maria Iraci Sousa Costa
- 14** O ENCONTRO DA MEMÓRIA
COM A ATUALIDADE
Robson Severo
- 17** MEMORAR (N)OS FRAGMENTOS
DO ACONTECIMENTO
Alessandra Stefanello
- 20** A MEMÓRIA ESCOLAR
COMO PATRIMÔNIO...
Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer
- 24** A FOTOGRAFIA COMO
LUGAR DE MEMÓRIA
Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer



FRAGMENTO DE UMA MEMÓRIA ...

08

No dia 23 de abril de 1908, deu-se a chegada em Silveira Martins da Congregação do Imaculado Coração de Maria, em número de quatro irmãs: Madre Irmã Maria Cecília de São Luiz Gonzaga (Luiza Seffner), Irmã Maria Cristina do Coração de Maria (Maria Klein), Irmã Maria Modesta de Santo Afonso (Maria Bortolotto) e Irmã Maria Wendelina do Perpétuo Socorro (Anna Maria Rudell). Essa vinda aconteceu a pedido do então Padre Palotino Frederico Schiwnn, pároco do lugar. Surgiu assim o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho: uma escola que foi o divisor de águas em Silveira Martins. A cidade era uma antes e tornou-se outra depois do advento desse educandário. Com o ingresso anual de um número médio de 200 alunos, vindos em sua grande parte da região da fronteira do estado, Silveira Martins cresceu e desenvolveu-se. Surgiram quatro hotéis para dar conta da demanda de familiares que vinham visitar as filhas e filhos matriculados na escola. Silveira Martins passou a se destacar por sua importância no turismo,

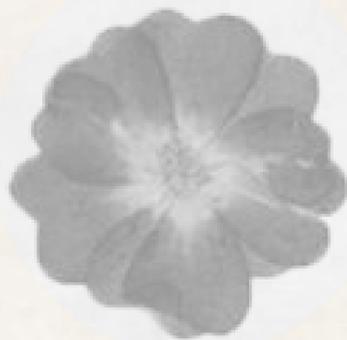


Nº
237.
A316
J4

Professor Rodrigo Moro Savegnago
Escola E.E.B. Bom Conselho

pelas suas belezas naturais, e na educação, pelo alto conceito que, na época, o Colégio Bom Conselho adquiriu em todo estado. A escola, além do ensino regular, oferecia aulas de música, bordado, corte e costura, pintura, datilografia, entre outras atividades. O curso de datilografia foi o primeiro do interior do estado, sob a tutela da Remington e validado em todo país. Foi ponto de encontro da comunidade: reuniões, palestras, exposições e eventos importantes da cidade frequentemente aconteciam em seu espaço físico. O Bom Conselho, que sempre deteve o protagonismo em nossa cidade, é, sem dúvida, uma das escolas mais antigas e importantes do Rio Grande do Sul. O slogan da escola define bem a sua importância: “Sou BC de coração”.

Prof. Rodrigo Moro Savegnago



MEMÓRIAS (IN)FINITAS

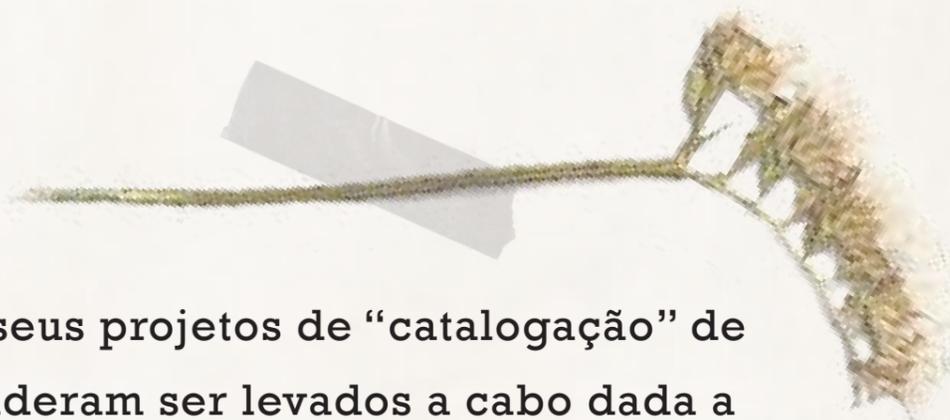


“Eu sozinho tenho mais lembranças que as que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo” (BORGES, 2007, p.105)

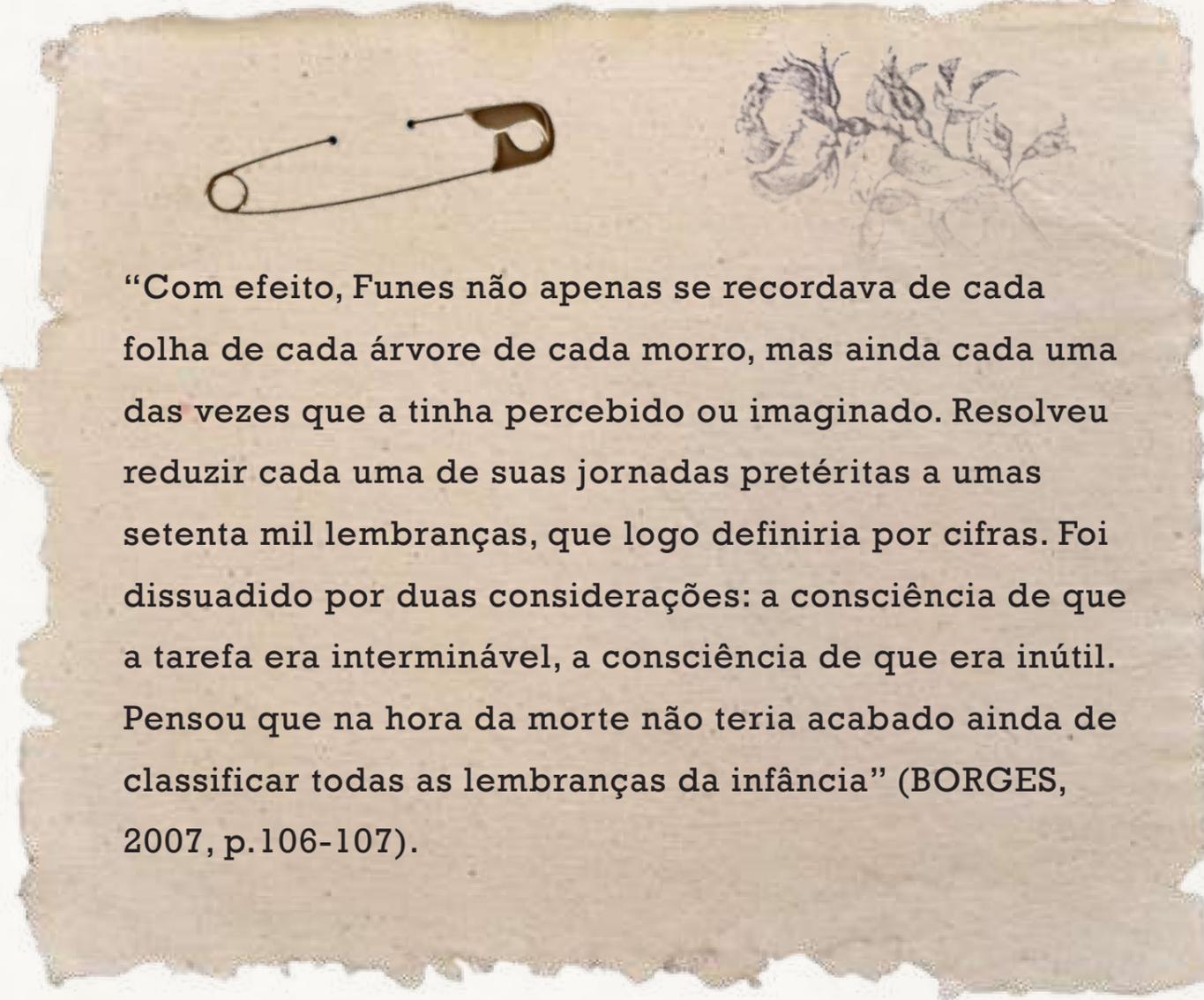
O título da Coleção, Memórias Infinitas, nos parece uma provocação e um convite a refletir sobre o papel da memória. Incontornavelmente, nos remete ao personagem literário Irineu Funes, do conto **Funes, o Memorioso**, do célebre escritor argentino Jorge Luis Borges. Funes é descrito como um personagem capaz de guardar na sua memória, com riqueza de detalhes, todas as imagens diante de seus olhos. Possuía uma capacidade infinita de registrar minuciosamente todas as imagens como lembranças:



“Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada a sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entresonhos. Duas ou três vezes tinha reconstruído um dia inteiro, não tinha duvidado nunca, mas cada reconstrução tinha exigido um dia inteiro” (BORGES, 2007, p.105)¹.



No entanto, seus projetos de “catalogação” de memórias não puderam ser levados a cabo dada a dimensão de seu acervo, pois



“Com efeito, Funes não apenas se recordava de cada folha de cada árvore de cada morro, mas ainda cada uma das vezes que a tinha percebido ou imaginado. Resolveu reduzir cada uma de suas jornadas pretéritas a umas setenta mil lembranças, que logo definiria por cifras. Foi dissuadido por duas considerações: a consciência de que a tarefa era interminável, a consciência de que era inútil. Pensou que na hora da morte não teria acabado ainda de classificar todas as lembranças da infância” (BORGES, 2007, p.106-107).

¹BORGES, Jorge Luis. **Funes, o memorioso**. In.: _____. Ficções. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

A narrativa de Borges nos faz refletir sobre a possibilidade de uma memória infinita totalmente livre do esquecimento. Nos faz questionar igualmente se essa capacidade infinita de armazenamento e de acesso ilimitado às memórias seria uma bênção ou uma maldição.

Agora saindo do campo da ficção fantástica e entrando no campo da ciência, alguns estudos da Neurociência apontam que é possível chegar a um cálculo que mediria a capacidade do cérebro humano de guardar informações e apontam ainda que o esquecimento, longe de ser um problema, é fundamental para o bom funcionamento do cérebro e também para a preservação da espécie humana. Talvez, mais precisamente, o que Funes tinha de especial não seria a capacidade de armazenamento de memória, mas a capacidade infinita de lembrar e ter acesso irrestrito a todas suas memórias. Essa incrível capacidade de lembrar não dava margem para a capacidade de esquecer, ficando, desse modo, privado do esquecimento. Nós, meros mortais, não temos a capacidade de gerenciar ou controlar o que queremos lembrar ou esquecer. Por vezes, nos esforçamos para ter acesso a uma certa memória e, por vezes, também nos esforçamos para esquecer o que já não queremos mais lembrar, mas, como se tivessem vida própria, ela, a memória, insiste em permanecer em nossos pensamentos. Além da falta de controle sobre o que lembrar e o que esquecer, a nossa memória



também não é definitiva e é constantemente atualizada, podendo inclusive ser inventada, isto é, podemos ter memória de acontecimentos que nunca se realizaram, como aponta o estudo da Psicóloga Cognitiva americana Elizabeth F. Loftus (2004)². O caráter instável e suscetível a sugestões, permite que a memória possa ser inventada e também apagada³, de forma involuntária ou deliberada.

²LOFTUS, Elizabeth F. **Memories of Things Unseen**. 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.0963-7214.2004.00294.x>. Acesso em: 03 dez. 2021.

³Um exemplo de um acontecimento histórico brasileiro sobre um apagamento deliberado da memória: em 1890, por iniciativa do então Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, foi aprovada pelo Congresso Nacional a eliminação dos arquivos nacionais dos vestígios da escravidão no Brasil. LACOMBE, Américo Jacobina; SILVA, Eduardo; BARBOSA, Francisco de Assis. **Rui Barbosa e a queima dos livros**. Brasília: Ministério da Justiça; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/9163/1/Rui%20Barbosa%20e%20a%20queima%20dos%20arquivos.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2021.



Mas para voltarmos à Literatura, também temos exemplos de invenção de memória, como acontece na obra distópica **1984**⁴, de George Orwell. Na referida obra, o passado está sempre sendo reescrito com a colaboração do personagem principal Winston Smith, que trabalhava no Ministério da Verdade, e tinha a função de editar reportagens de jornais antigos, alterando os fatos para que o passado estivesse de acordo com as diretrizes do governo, pois tinha-se como lema do Partido: “quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado” (ORWELL, 1976, p. 259). A tentativa de controle da memória coletiva passava também pelo controle da língua e, por isso, foi criada uma língua (artificial) chamada “Novilíngua”, que segundo o personagem Syme, o filólogo que trabalha na décima primeira edição do dicionário de Novilíngua, tinha o seguinte

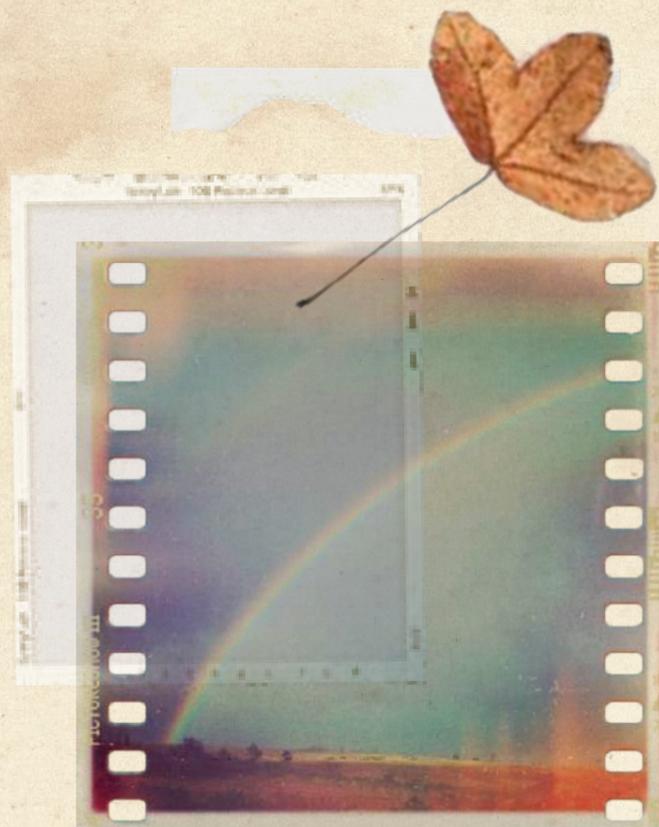
propósito: “Não vês que todo o objetivo da Novilíngua é estreitar a gama de pensamento? [...] Todo o mecanismo do pensamento será diferente. Com efeito, não haverá pensamento, como hoje o entendemos. Ortodoxia quer dizer não pensar... não precisar pensar. Ortodoxia é inconsciência” (ORWELL, 1976, p.52-53). Um dos aprendizados da obra **1984** é que a intervenção sobre a língua e sobre o sentido das palavras tem uma relação estreita com o controle da memória, pois “o risco é simplesmente o de um policiamento dos enunciados, de uma normalização asséptica da leitura e do pensamento, e de um apagamento seletivo da memória histórica: ‘quando se quer liquidar os povos’, escreve Milan Kundera, ‘se começa a lhes roubar a memória’” (PÊCHEUX, 2010, p. 55)⁵.

O caráter lacunar e instável da memória torna imperioso que se lute por ela e é por essa razão que a História nos ensina que precisamos guardar mesmo acontecimentos históricos terríveis para evitar que possa voltar a acontecer novamente. Precisamos lembrar de acontecimentos históricos como por exemplo, o holocausto; a ditadura militar brasileira; a escravidão a que os negros africanos



³ORWELL, George. **1984**. 9ª edição. Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Nacional, 1976.

⁴UPÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In.: ORLANDI, Eni. (Org.). **Gestos de Leitura**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010. p. 49-59.



foram submetidos; a exploração, expropriação e extermínio de povos indígena pelos colonizadores europeus; a guerra civil farroupilha, e precisamos chamar esses acontecimentos por aquilo que eles realmente são. Ditadura militar e guerra civil não são revoluções e não podem estar em uma relação de sinonímia, pois tomar um pelo outro é, não só um deslocamento de sentido, mas implica também em uma tentativa de apagamento da memória coletiva através do negacionismo. Por isso, a importância de registros, de formas instituídas e de políticas de guarda para consolidar para que ela, a memória, não se perca em gerações futuras. Um povo que não preserva a sua memória e não guarda a sua história, está suscetível a ruir sob os percalços dos acontecimentos.



O que estamos tentando pontuar é que não faltam estudos em diferentes áreas, como na Literatura, na Neurociência, na História, na Psicologia, na Psicanálise, na Filosofia, na Ciência da Informação, entre outras, que buscam compreender, cada uma a seu modo, a complexidade do funcionamento da memória e todas elas têm contribuições igualmente importantes para nos dar. Um aspecto que parece ser comum a todas as abordagens é que, de fato, a memória parece ter um caráter lacunar, suscetível e instável e, por isso, **a memória merece que se lute por ela.** Ainda que o tema seja por deveras pertinente com inúmeras possibilidades de abordagem, não nos alongaremos mais, caro leitor, pois o propósito deste breve texto é apenas partilhar alguns apontamentos diversos que nos ocorreram a partir do nome da Coleção: **Memória Infinitas.**

Já que não fomos contemplados (?) com uma memória perfeita (?)⁶ como a de Funes, temos que lidar com a nossa memória imperfeita (?), lacunar e suscetível ao esquecimento. Esperamos que as memórias partilhadas nesse primeiro número da publicação instiguem outras memórias que poderão ser partilhadas nos próximos números.

⁶Uma memória imperfeitamente perfeita ou perfeitamente imperfeita? Como apontamos anteriormente, uma memória em perfeito funcionamento precisa do esquecimento.

Profa. Dra. Maria Iraci Sousa Costa

O ENCONTRO DA MEMÓRIA COM A ATUALIDADE

A PRIMEIRA VISITA DAS IRMÃS AO COLÉGIO BOM CONSELHO



A convite de pesquisadores do Centro de Documentação e Memória (CDM) e de um ensejo de longa data das convidadas, o espaço hoje ocupado pela UFSM Silveira Martins, mas que um dia também foi ocupado pelo Colégio Bom Conselho, no dia 27 de outubro de 2021, recebeu a primeira visita das irmãs religiosas Malvina Rossato, Leonilda Maria Augusti e Ermelinda Maria Minuzzi. Primeira visita desde que o prédio passou a ser ocupado pela UFSM Silveira Martins, é preciso dizer, pois as irmãs religiosas já o conheciam bem e passaram vários anos de sua infância e juventude dentro desse prédio.



Imagem 1: Irmãs religiosas olhando fotografias antigas do Colégio Bom Conselho, 2021
Fonte: Arquivo fotográfico do CDM



Imagem 2: Irmãs religiosas diante do antigo teatro (em reforma) do Colégio Bom Conselho, 2021
Fonte: Arquivo fotográfico do CDM

Essa visita parte de vontades mútuas. De um lado, a vontade das irmãs de saber o que aconteceu com seu antigo Colégio, o que atualmente fazem lá dentro, que fim teve o espaço que elas costumavam viver suas vidas como professoras e alunas. De outro lado, a vontade dos pesquisadores de saber o que acontecia no Colégio, o que faziam lá dentro, quais eram as disciplinas, os cursos, como era o internato, que fim teve o espaço em que costumam viver suas vidas... uma vontade em busca da memória e da história, tal como define Pierre Nora (1993, p. 9)¹, tomando a memória como aquilo que “se enraíza no concreto, espaço, no gesto, na

imagem, no objeto” e a história que “só se liga às continuidades temporais, às evoluções, às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”.

Sendo assim, houve uma alegria imensa de ambas as partes nesta visita. Das irmãs de contarem parte do que viveram em outro momento histórico e dos pesquisadores de as ouvir. Assim, a visita toma forma sem saber exatamente quem estava guiando quem pelos corredores do antigo Colégio Bom Conselho.

Além disso, a visita também passa pelo ir conhecer, pelo rever, pelo visitar com uma determinada finalidade. A cortesia de receber as irmãs por si só já traz um simbólico da memória e, por consequência, ajuda a construir lugares de memória. Lugares esses que “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13).



Imagem 3: Irmãs religiosas olhando para o riacho, 2021

Fonte: Arquivo fotográfico do CDM

Nesse sentido, ao respondermos às dúvidas das irmãs no que diz respeito ao que fazemos como pesquisadores nesse espaço, elas também nos ajudam a construir a memória do que foi feito um dia nesse mesmo lugar por outro grupo social. Na fotografia, por exemplo, as irmãs observam o espaço do teatro, hoje em reforma, mas que nas suas vivências era o encontro de pais, espaço de apresentações na semana comemorativa do dia das mães e também espaço em que uma menininha cantava com uma voz de anjo, como lembra uma das irmãs. Essas memórias não ocupam apenas o lugar de lembrança, mas contam parte da história, dos costumes, da rotina do Colégio Bom Conselho, da cidade de Silveira Martins e de um tempo que não volta mais.

¹ NORA, Pierre. **Entre memória e história: problemática dos lugares.** Tradução de Yara Aun Khoury. *Revista Projeto História*, São Paulo, n° 10, p. 7-28, dezembro de 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.



Ao visitar e caminhar pelo prédio, além de realizar essa vontade das irmãs, foi possível também descobrir informações que não teríamos como saber senão pelos seus relatos. O riacho que atravessa o pomar do antigo Colégio, antes era o lugar de lavar roupas, de colher água para limpeza, de se refrescar, de brincar e também abrigava uma passagem secreta para aqueles alunos mais destemidos matar aula, como ressalta uma das irmãs.



Onde hoje é a Sala de Exposição Nelson Ellwanger, antes era a sala de aula; onde hoje é um local de armazenamento, antigamente era a cozinha do Colégio; onde hoje é a cozinha da UFSM Silveira Martins, antes era o início de um laboratório de geografia. Enfim, é o mesmo prédio construído em 1908, onde funcionou por várias décadas o Colégio Bom Conselho, mas hoje já não se encontram mais as meninas uniformizadas, as Irmãs religiosas com seus hábitos, as aulas de música, o teatro onde costumam interagir e representar, as amizades que fizeram, os cursos extraordinários de datilografia, corte e costura, ou a gruta de Nossa Senhora ao fundo do Colégio. Tudo isso permanece apenas na memória de cada uma e nós só podemos ter esse vislumbre do funcionamento do Colégio a partir do relato e da descrição partilhada pelas irmãs, como se ao partilhar suas memórias elas abrissem uma janela onde pudéssemos observar as imagens que nos chegam através de suas palavras.

Ao ouvir tais histórias, lembranças e relatos é quase como se estivéssemos presenciando o internato como uma das cento e vinte meninas que ali costumavam costurar, tocar instrumentos, cantar, cozinhar. Entre o subir e descer de escadas, ouvia-se as irmãs falarem com propriedade dos corrimãos antes coloridos, agora brancos, da pintura do anjo com as crianças na parede, antes outro anjo e outras crianças, e até mesmo da gruta com uma pedra gigante e muitas flores, hoje tomado por uma construção.

A visita fez a memória permanecer viva, nos registros dos pesquisadores e nos corações das antigas moradoras... agora ficamos nos perguntando quem mais teria boas histórias e memória para compartilhar? Quem mais gostaria de nos visitar? E você, leitor, conhece o prédio onde funcionou o Colégio Bom Conselho? Conhece alguém que estudou ou lecionou nessa instituição? Conhece alguma história sobre o Colégio ou sobre o prédio? Esperamos sua visita.

Robson Severo

MEMORAR (N)OS FRAGMENTOS DO ACONTECIMENTO



“Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história.”
(NORA, 1993, p. 8)¹

Paul Ricoeur (1995)² compreende a construção da história a partir de rastros deixados pelo passado. Rastros que se constituem como uma cadeia significativa sempre em uma relação de movimento, de constituição de relação a outros rastros. Se os rastros são vestígios do que ficou e pistas do que já foi, o que resiste e o que se apaga no processo de memorar? Afinal, como afirma Robin (2016)³, o passado nos habita de modo involuntário e inconsciente, constituindo pela memória o tecido com o qual somos feitos.

O ato político de constituição/organização da memória do Colégio Bom Conselho atravessa tantas outras memórias, que trazem à luz nada mais que recortes de relatos. Ao organizar esse arquivo, a memória assume o papel de engendrar um domínio em que seria possível a representação temporal linear, levando em consideração a fixação de um sentido sobre os demais. Em outras palavras, busca-se conter o movimento iminente do esquecimento, ainda que a história não seja digitalizável nem controlável, uma vez que nos escapa pelas mãos a todo o momento.

Tais considerações são importantes para que entendamos o conceito de memória discursiva em Pêcheux (1999)⁴. Para o autor, a memória não poderia ser concebida como uma esfera plana, cujo conteúdo seria um sentido único homogêneo; ela “é um espaço de desdobramentos, de réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Nesse sentido, o próprio arquivo, citado anteriormente, se instala nesse lugar da falta originária e estrutural chamada memória (DERRIDA, 1995)⁵.

¹ NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Houry. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em 28 nov. 2021.

² RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

³ ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Tradução Cristiane Dias e Grciely Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

⁴ PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. In: ACHARD, Pierre; et al. **Papel da Memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999, p. 49-57.

⁵ DERRIDA, Jacques. **Mal d'archive**. Paris: Galilée, 1995.

O arquivo é constituído de fotos que datam a história do antigo Colégio Bom Conselho e também de recortes de relatos coletados a partir de uma entrevista concedida a nós pelas duas irmãs religiosas da Congregação Imaculado Coração de Maria que estudaram e trabalharam nessa instituição por volta dos anos 1960. Trata-se das Irmãs Leonilda Maria Augusti e Malvina Rossato. A primeira foi aluna interna do Colégio Bom Conselho onde fez o Curso Ginásial e também Curso de Datilografia e Corte e Costura (Cursos Extraordinários), bem como o aperfeiçoamento da formação religiosa. A segunda além de ter estudado (Curso Primário) no Colégio Bom Conselho também atuou como professora ginásial e ministrou especialmente as disciplinas Ciências, Matemática e Desenho Geométrico. A entrevista foi realizada no 09 de novembro de 2021, no prédio onde funcionou o Colégio Bom Conselho e atualmente pertence à UFSM Silveira Martins. O movimento de constituição desse arquivo perpassa desde a elaboração das perguntas norteadoras do relato até os seus recortes,

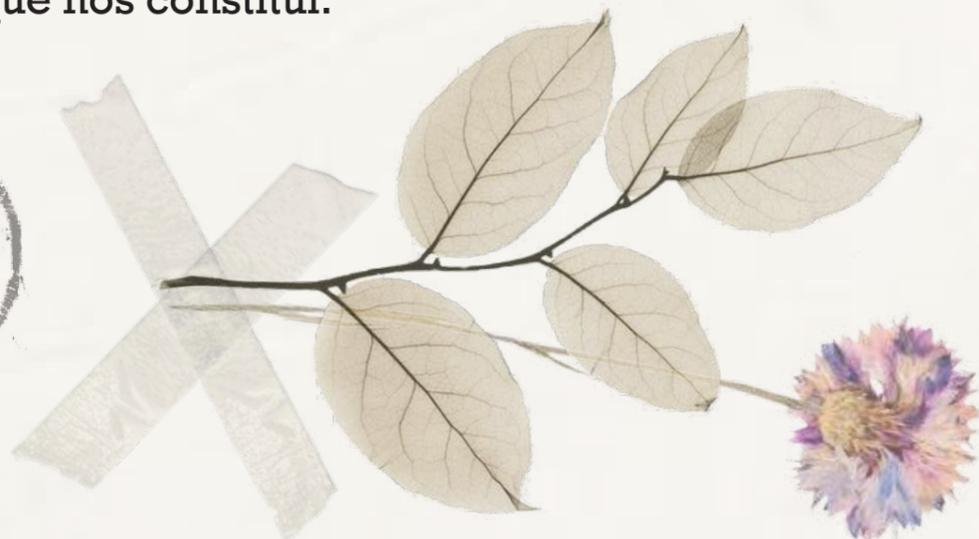


constituindo, então, um trabalho que perscruta o acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história (ORLANDI, 1999). Assim, ao conceber o sujeito histórico, interpelado pelo social, compreende-se que o mesmo ocorre com seu o discurso, o qual produz efeitos de memória podendo ser de lembrança, de redefinição, de deslocamento e até mesmo de negação do já-dito.

Como apontamos anteriormente, uma das duas irmãs religiosas entrevistadas foi também professora no Colégio Bom Conselho, inclusive, deu aula para sua colega de vocação. A relação de memorar que ela tem com o Colégio, enquanto professora, é diferente da relação que a outra irmã tem, ainda que ambas tenham sido alunas. Ao longo dos excertos selecionados da entrevista é

possível perceber a evidente relação das suas memórias com o ato de lecionar, visto que fala dos “alunos” e não dos “colegas”. Essa relação com as suas memórias demarcam não só sua posição enquanto sujeito social, mas também, o modo como a história afeta as posições pelas quais o sujeito se articula. Por outro lado, a irmã religiosa que apenas foi aluna, ao memorar, articula suas lembranças a partir dessa posição.

Desse modo, a memória, necessária para a formulação do discurso, “irrompe na atualidade do acontecimento” (COURTINE, 2009, p. 103)⁶, determinando os sentidos produzidos a partir da relação sujeito e língua. Olhar para as memórias relatadas e refletir é constituir apenas um fragmento de olhar diante de fragmentos de memórias de histórias fragmentadas. A memória é, assim, esburacada (PÊCHEUX, 1999), sendo impossível dar conta do todo, o que não nos impede de registrá-la, a fim de compreender partes do que nos constitui.



Pensar sobre esses movimentos e como eles delineiam nossa relação com o acontecimento é se perguntar: por que lembramos o que lembramos e porque não lembramos o que deixamos de lembrar? Talvez mais importante que isso seja se permitir lembrar as instâncias de nosso passado e, até mesmo, procurar saber como estão atualmente. Aqui você verá e conhecerá fragmentos da história e da memória do antigo Colégio Bom Conselho, mas e o seu colégio? E as suas antigas professoras? E os seus antigos colegas? Será que as memórias que eles têm de você, hoje em dia, são as mesmas que você tem deles?

A MEMÓRIA ESCOLAR COMO PATRIMÔNIO..

NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

20



*Memória
Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão*

(DRUMMOND, 1983, p. 251).

Malhas de uma lembrança ...

As nossas lembranças de escola começariam, talvez, por uma bela manhã, nos primeiros dias de um mês de março qualquer, no final da década de 1950, em um prédio de esquina, prédio esse do início do século XX. O desconhecido por completo, iluminado por vozes replicadas de energia, enchia o pátio e, depois, o corredor que dava para uma espécie de túnel. Seria o túnel do tempo? Por entre a penumbra, iluminada de tempo em tempo pela abertura de portas, enfileiradas seguíamos nosso rumo como em um voo de pássaros planando no ar à procura de um instar-se em liberdade. De qual voo nos exorcizávamos, não saberíamos dizer, pois estávamos enfeitadas pelo tempo, pelo tempo do devir.

¹ SCHERER, Amanda Eloina. Silence! Maintenant on écrit... In.: *Cahiers Internationaux de Symbolisme*, n. 134 - 135 - 136, Le non-dit, Centre Interdisciplinaire d'Etudes philosophiques de l'Université de Mons, Bélgica, 2013.

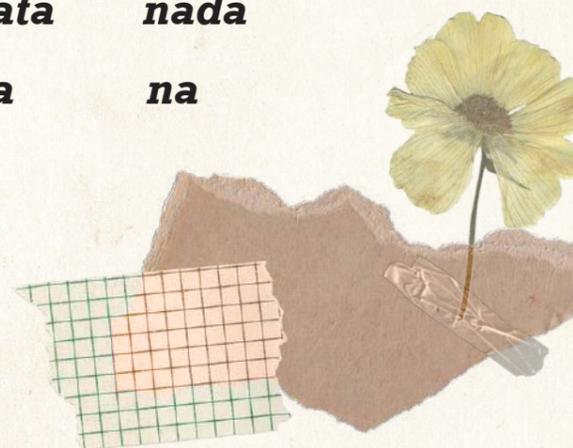
Da entrada na sala, à disposição de cada uma, o lugar de fala era da professora, uma senhora alta, esguia e muito elegante. Pelos nomes enunciados, pela ordem que determinava tudo em nossa volta, desde o portar-se até a exigência de silêncio absoluto (SCHERER, 2013)¹, ela seguia nos conduzindo a um outro mundo (im)possível.

Aos poucos, a professora ia desenhando no quadro negro, que era verde de cor, formas ilusórias, algo ainda indecifrável em nosso voo à procura daquele instar-se na pele do nos tornarmos outras, embora sendo as mesmas.

A partir de tais formas, ela ia nos fazendo repetir, algo como: **A pata nada.** Em coro, repetíamos, em alto e bom tom, como se nós trouxéssemos de casa a lição na ponta da língua.

pata nada

pa na



E assim, seguíamos repetindo. Não sabíamos ainda que tal repetição, a partir de desenhos e formas tão estranhas, seria uma descoberta, logo em seguida, como nosso primeiro livro – materializado a modo de uma cartilha – a **Cartilha Sodré**².

As formas fluíam, nadavam, tinham donos, eram más como **A macaca é má** (terceira lição do mesmo livro) ou então pertenciam à Dadá como **O dado é da Dadá** (segunda lição). Entre a pata, o dado e a macaca, nosso mundo estava inocentado pelo conteúdo da alfabetização; nossas dúvidas, nossas ilusões, estavam no mundo dos referidos objetos: um dado, uma pata e daquela macaca das lições da **Cartilha Sodré**. E lá da rua de operários, de onde vínhamos, a pata nadava na sanga nos fundos de casa, a macaca era da vizinha e, o dado, algo extraordinário que nos esperava sôfrego para quando aprendêssemos a juntar os números. Uma única certeza, é claro, não conhecíamos ninguém com o nome Dadá, pois como nos ensina o poeta:

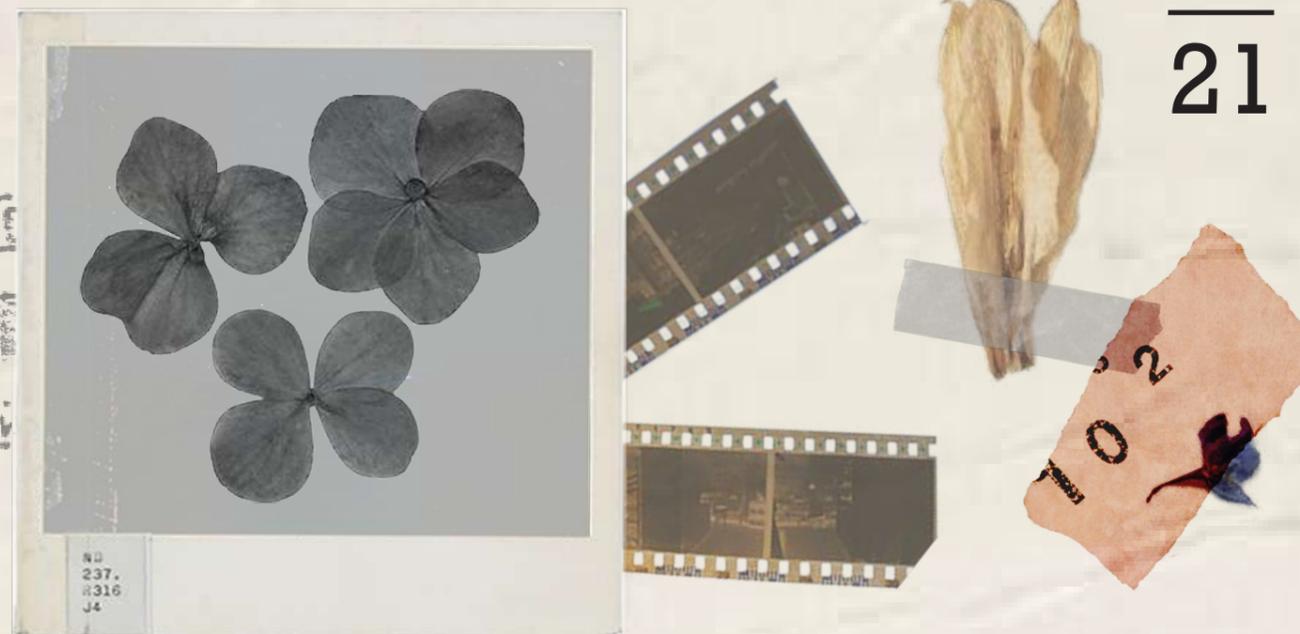


*A linguagem
Na ponta da língua, tão fácil de falar
E de entender
A linguagem
Na superfície estrelada de letras,
Sabe lá o que ela quer dizer?*

(DRUMMOND, 1983, p. 778)³

² Essa cartilha teve ampla circulação e faz parte da história da alfabetização no Brasil. Teve numerosas edições e foi publicada por diferentes editoras. A título de exemplo, partilhamos com o leitor uma dessas edições: SODRÉ, Benedicta Stahl. **Cartilha Sodré**. 45ª edição. 570º milheiro. São Paulo: Livraria Liberdade, 1947. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/2019-01/cartilha%20sodre_1947.pdf Acesso em: 03 dez. 2021.

³ DRUMMOND, Carlos de Andrade. **Nova reunião – 19 livros de poesia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora e Instituto Nacional do Livro, 1983.



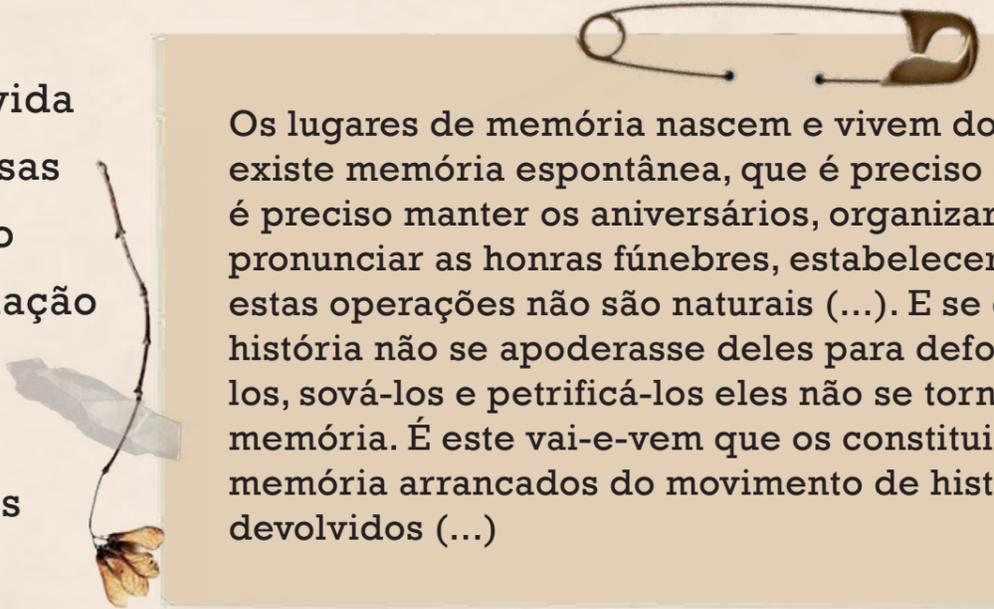
O que gostaríamos de colocar, é o quanto a escola nos marca e nos constitui, o quanto a escola no seu todo, se pode existir um todo, nos abre para caminhos nunca dantes navegados, nunca dantes pensados. A escola é esse lugar de uma certa estabilização daquilo que só bem mais tarde nos damos conta, aquele lugar do existir, de ser sujeito interpelado pelo devir. Sem o mundo da escrita, em uma sociedade da escrita, é quase impossível sobre+viver e será pela escola que nosso mundo se solidificará enquanto sujeito de conhecimento nas coisas a saber. Aquele lugar no mundo pelo lugar de fala, e, da mesma forma, pelo lugar de escrita.

Por que trazer a nossa lembrança? Por que fazê-la voltar? Porque a memória que resta da escola é aquela re+re+re+montada de fragmentos de um devir, como fotografias antigas, como velhas estampas, que nos permitem viajar no tempo, contar e recontar o que fomos, o que

gostaríamos de ter sido e não fomos. Como as que estão nesta coleção, reunidas, graças à doação de cópias reproduzidas pelo Prof. Rodrigo Moro Savegnago. *Uma espécie de sombra das moças em flor* (DRUMMOND, 1983, p. 59). São nelas, as fotografias, velhas estampas, alicerçadas pelo tempo, na memória das coisas a saber, que nos dão a ver o quanto fomos nos constituindo. As fotografias que temos em nosso acervo, no **Centro de Documentação e Memória**⁴, são como uma espécie de gatilho, pedaços de um real perdido, vestígios de um tempo que não volta mais, *lugares de memória* como no dizer de Nora (1993)⁵, contrariando, por sua vez, o esquecimento. São elas como uma espécie de retalhos de lembranças, tecidos pela memória do social, pelo coletivo, na sua relação com a linguagem e com a história. Aquela que persiste a se inscrever na materialidade da língua, da língua que falamos, da língua que escrevemos.



Para nós, escola e escrita estão bifurcadas em nossa vida como espaços de recordação, espaços rodeados pelas nossas imaginárias lembranças, costurados e corporificados como lugares de memória. Estes *lugares* permitem estreitar a relação entre memória e história, simultaneamente, pois ajudam a compreender o seu sentido material e simbólico. Para o contexto francês da época, aconteceria através de aspectos tão distintos quanto as demarcações regionais, as cores da bandeira nacional, os arquivos, a gastronomia, a paisagem (aquelas que chamamos hoje de paisagens arquivadas), os manuais escolares, entre outros. Para Nora (1993, p. 13),



Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de memória arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...)

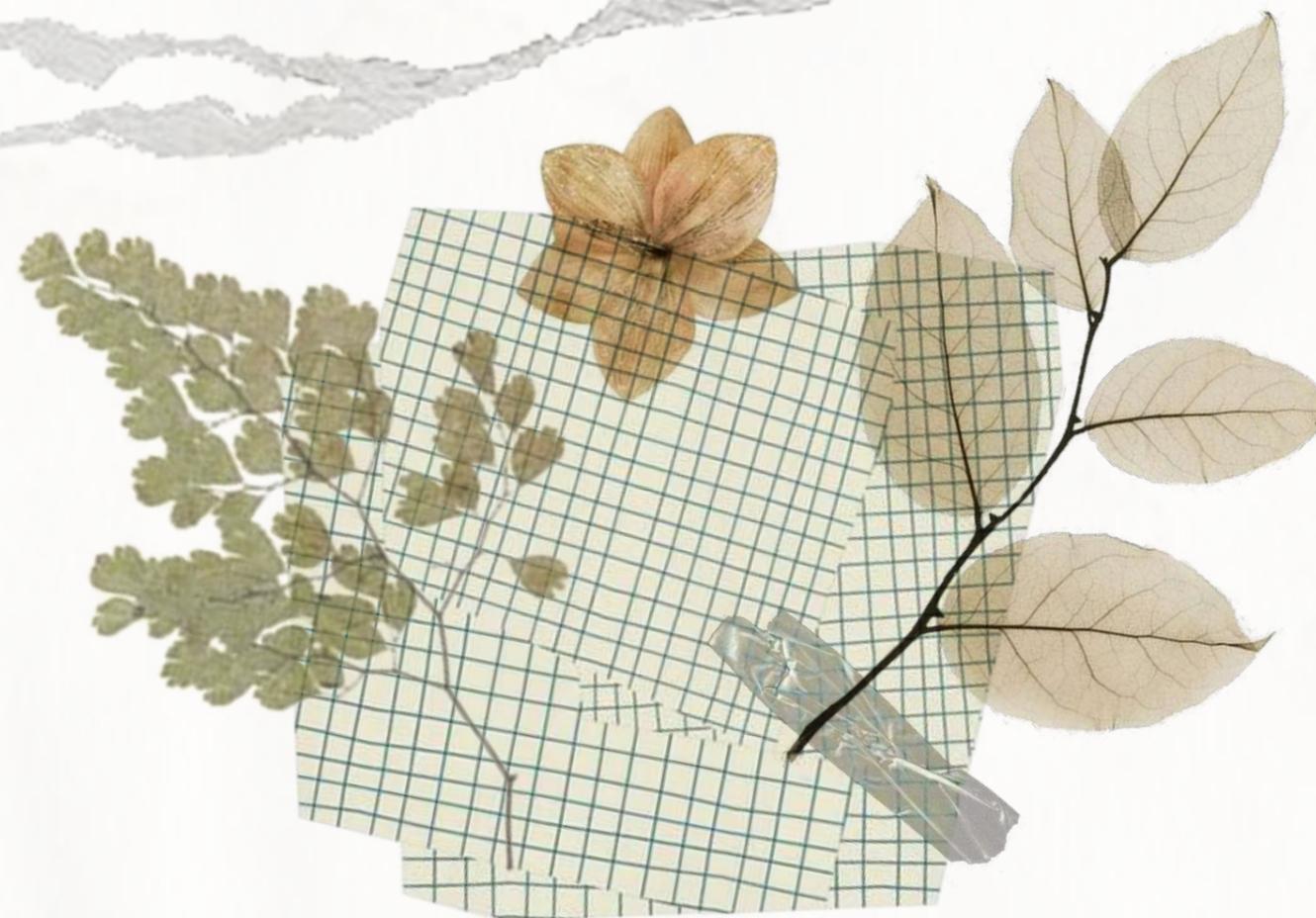
⁴Disponível em: <https://cdmufsm.com.br/> Acesso em: 03 dez. 2021.

⁵NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em 28 nov. 2021.

Devolvidos pelas lembranças, pelo esquecimento. Esquecer para lembrar, lembrar para esquecer, entre o real da língua, da história e da memória (PÊCHEUX, 1999)⁶. Impossível delimitar onde começa um e outro. Eles malham nosso voo como se abordássemos o leito de um rio caudaloso, com muitos fossos e pedras. Quase nos afogando, já nos tornando outro, um outro que não será mais o eu de então. Salvos, dessa forma, pela curiosidade e acolhidos pela imprudência da idade. Assim continuamos em um processo contínuo e perturbador que é próprio do ato de escrever a história, nossa história escolar. E você, caro leitor, qual a sua história com a sua escola, o que lembra dela? Quais são esses objetos que foram marcados pelo tempo e que carregava nas tuas costas (hoje nas mochilas), antes, nas pastas de couro pendidos ao braço, ou ainda, nos sacos de estopa e ou algodão açoitados no lombo de um cavalo manso?



Caro leitor, com a **Coleção Memórias Infinitas**, gostaríamos de projetar um ponto nevrálgico em uma política de memória sobre a história escolar, como uma espécie de eixo (imaginário) de uma origem (im)possível, através de uma Educação Patrimonial. Nossa meta tem por princípio norteador: promover, na região da Quarta Colônia, a partir de objetos, instrumentos e ferramentas relativos à história escolar, uma educação mais inclusiva historicamente, pois, ao nosso ver, sem escola e sem memória, não há futuro, sem escola e sem história, não há projeto para o devir.



Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer

⁶ PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In. : ACHARD, Michel; et al. **Papel da Memória**. Tradução e Introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP : Pontes, 1999. p. 49-57.

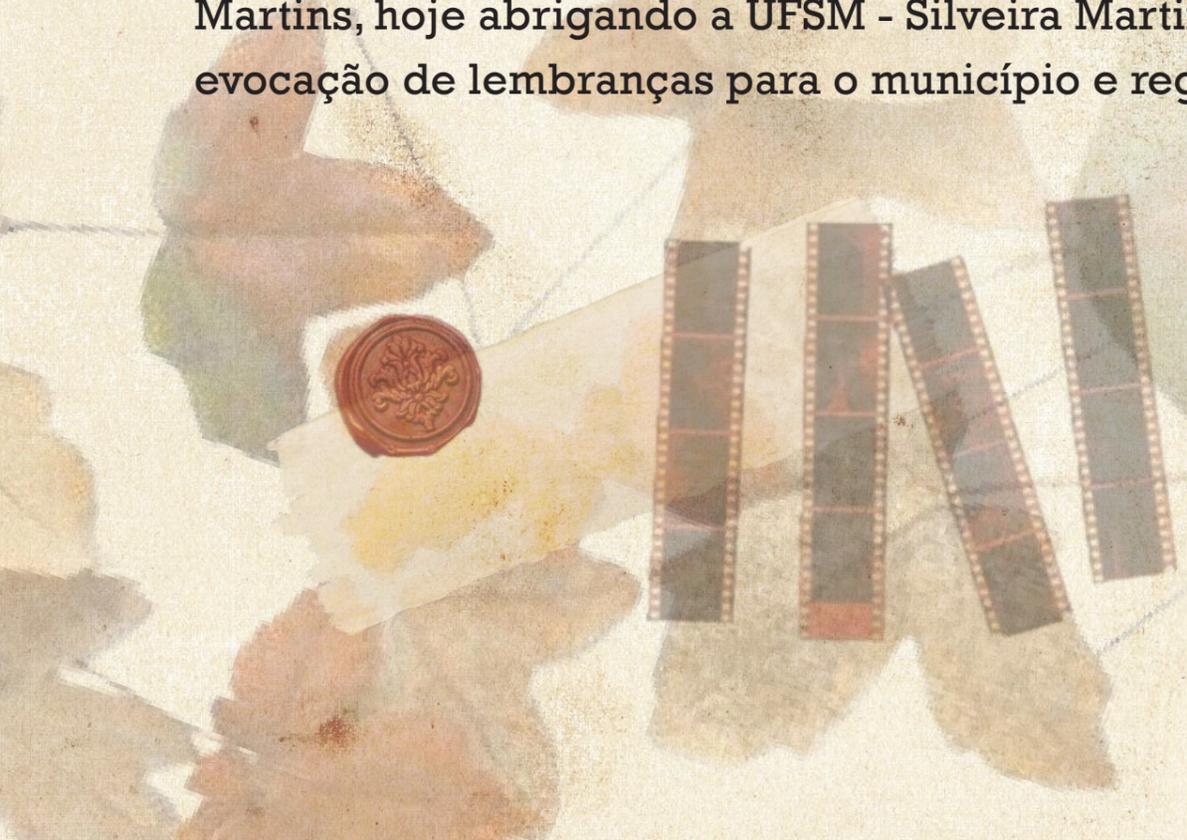
A FOTOGRAFIA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

24

Como você está nos acompanhando desde o início, pode entender que temos um fio condutor que nos leva ao conceito de lugares de memória do grande historiador francês Pierre Nora. A partir de agora, vamos apresentar a vocês uma série de fotografias, todas elas recebidas gentilmente do Prof. Rodrigo Savegnago, em novembro de 2019. As fotografias aqui apresentadas estão organizadas por décadas e acompanhadas dos dizeres das três religiosas que nos visitaram no mês de novembro último. São dizeres fortes e potentes e como bem nos coloca Robson Severo (páginas 14, 15 e 16), “O encontro da memória com a atualidade”. Uma memória entre um vai e vem tecida a cada nova visita. Visita ao suntuoso prédio do início do século XX na cidade de Silveira Martins, hoje abrigando a UFSM - Silveira Martins. Um lugar robusto na evocação de lembranças para o município e região. Um antigo colégio

de meninas que aprendiam “as coisas do lar” além do ensino religioso e escolar. Com as fotografias, vocês verão, o que temos são imagens funcionando como uma espécie de gatilho para o contar, o lembrar, o rememorar ... o festejar reunindo a família do Bom Conselho em seu slogan que une a todos e todas: Sou BC de coração ...

Excertos da entrevista concedida pelas irmãs religiosas Leonilda Maria Augustti e Malvina Rossato à Alessandra Stefanello, realizada em 09 de dezembro de 2021, no prédio onde funcionou o Colégio Bom Conselho e atualmente pertence à UFSM Silveira Martins.



DÉCADA DE 30

“Aqui estudava de manhã, de tarde tinha os bordados, as pinturas, as flores, a datilografia, a costura.” [MALVINA]

25



“E a gente aprendia mesmo... eu fui aluna dela... matemática, ciências e desenho geométrico.” [LEONILDA]

“A gente trabalhava também... morávamos aqui, dormíamos lá em cima. De manhã sempre tinha aula [...] quando tinha missa na capela, a gente levantava e vinha pra missa, seis e meia acho que era. Sete horas já era o café... e depois abria as salas de aula, tirava pó.” [LEONILDA]





“Nós que tínhamos determinadas horas de trabalho, a gente não pagava a mesma coisa que as internas... as internas tinham uma mensalidade, uma taxa ‘x’ que os pais pagavam para as crianças ficarem aqui. E nós trabalhávamos e os pais contribuía, mas era pouco, não tinham grandes contribuições. A gente trabalhava mais era nas férias [...] nós íamos pra chácara, ficava oito dias lá e tinha casinha para dormir e tudo, e se fazia coisa boa, se brincava... sempre tinha uma irmã junto” [LEONILDA]



“Eu me lembro que o pai quando eu saí, ele me trouxe aqui... ele disse ‘olha, obedecer as irmãs, hein, aqui não tem o pai, não tem a mãe, mas as irmãs têm o papel dos pais, tem que obedecer, tem que fazer direito, tem que levar a sério.’” [LEONILDA]





“Para mim acho que foi fundamental... era uma casa bem diferente da família, era um grupo grande. Na minha época, só tínhamos irmãs de professoras e tudo determinado, horário pra isso, pra aquilo.” [LEONILDA]



“Os castigos eram ficar de pé nas escadas... aquela escada que sobe para o dormitório... ou senão mandavam a gente rezar terço.”
[LEONILDA]

DÉCADA DE 40



“Se jogava muito...
vôlei, caçador,
tinha tudo que
era tipo de jogo no
pátio, com redes.”

[LEONILDA]



“Claro que dificuldades sempre teve... que, às vezes,
tinha que fazer cara feia com eles.” [MALVINA]

“Eu acho que um dos motivos que fechou [...] deve ter sido porque reduziu muito o internato... quando a Secretaria da Educação, desde o estado, veio inovando e colocando escolas mais próximas das crianças [...] o que que levava a vim muitas internas no colégio era as filhas dos fazendeiros que moravam pro interior da fazenda, filhas de gente retirada, afastada da cidade... e claro, gente de posse também. Ou senão os pais diziam assim ‘eu vou te internar no colégio das irmãs e lá tu vai aprender a educação’ [...] ou pra aprender a religião porque pra fora era difícil a criança fazer catequese, fazer primeira eucaristia, crisma, essas coisas.”
[LEONILDA]

“E também um dos motivos que a irmãs fecharam foi que começou a reduzir as irmãs, reduzir as vocações, aí pra ter continuidade era muito difícil... e também era muito incentivado esse aspecto das inserções, as irmãs podiam viver em casinhas pequenas, inseridas nos bairros, das cidades ou das vilas... ou das comunidades menores ou pequenas do interior, em quatro, cinco, meia dúzia.” [LEONILDA]



“Agosto de 1962 até fevereiro de 1966 [...] a primeira turma de ginásio daqui eu fui professora. [Em 1964] “Eu dava matemática, ciências e desenho geométrico para eles, principalmente pra essa turma que era da segunda série ginásial, naquela época [...] no fim do ano, eles disseram pra diretora ‘agora nos dois anos, nós queremos a Irmã Isaura como nossa regente’, e fiquei regente até o final com eles.” [MALVINA]





“A gente [professoras] incentivava muito a eles estudar [...] a gente ajudava eles muito, assim, no sentido de formação, técnica também, mas no sentido de formação pessoal. A gente trabalhava muito com eles. [MALVINA]



“Aquela época tinha todas [disciplinas] que era ginásio: tinha história, geografia e todas assim... literatura, português, educação física, educação social e política [...] o currículo era do estado, era particular, mas era normal.” [MALVINA]





“[...] se eles estudavam de manhã, de tarde eles iam pros outros extraordinários... e tinha, por exemplo, corte, costura, bordado, flores, música, violão, gaita. E agora a gente fica encantada em ver toda essa transformação” [MALVINA]

“Tinha turmas bonitas de jovens, bem entusiasmados, dava gosto de trabalhar com eles. Então, a gente foi organizando... organizando a sala de ciências porque era tudo novo pra eles [...] então, a gente, às vezes, apanhava as borboletas [...] até um dia eles me deram um presente, fizeram um pacote bonito, assim, me deram... uma cobrinha dentro.” [MALVINA]



“Se tinha crianças aqui que não tinham condições de pagar, então, elas tinham uma bolsa, um auxílio ou elas tinham desconto... e, por exemplo, também tinham muitos pais que podiam ajudar com mantimentos, naquela época [...] tinha muita gente com necessidade” [MALVINA]



“A gente já conhecia um pouquinho [...] a gente se combinava, as meninas, vamos para o Colégio estudar. Então, quando nós viemos a gente era umas cinco [...] então, nós trabalhávamos porque os pais da gente não tinham condição de pagar um internato, então, nós ajudávamos, por exemplo, na cozinha, fora do colégio... na horta, ajudávamos a limpar as salas de aula, varrer o pátio, limpar os banheiros. A gente ajudava em tudo isso e estudava no momento, na hora certa... [MALVINA]

DÉCADA DE 50

“Muito teatro se fazia... antes de encerrar todos os anos, lá naquele palco, tinha um cortinado vermelho bonito [...] normalmente eram histórias de algum período. Uma vez eu fiz o papel da avó da rainha, encheram meu cabelo de talco pra ficar velha.” [LEONILDA]

“Antes de encerrar o ano escolar, era aberto pro povo todo... tinha as exposições dos trabalhos manuais, dos bordados, das pinturas [...] essa aula toda aqui era montada exposições. Por exemplo, quem tinha enxoval de cama, era montada a cama com toda a coisa nova feita.” [LEONILDA]



“E lá naquele canto, o canto do pátio, tinha uma gruta bonita [...] agora com o prédio novo, tudo foi aberto... era uma gruta feita de pedras e muita flor trepadeira [...] e dentro era toda coisada com pedra brilhante, brilhosa assim e com Nossa Senhora.” [LEONILDA]



“O pátio era cercado, era cheio daquelas árvores... eu conheço como uva do paraguai [...] e quando caía as folhas, haja vassoura.” [LEONILDA]

“E montar a sala de ciências, tinha que ver como eles ajudavam... tinham que fazer aqueles cartazes com as borboletas, os joguinhos deles, com os primeiros insetos, com as cobrinhas.”

[MALVINA]



“As professoras, as irmãs aqui, a gente sempre teve aquela preocupação de ter a educação integral, em todos os sentidos... humano, técnico... a relação também. Se descia pra Val de Buia, Val Feltrina [...] se saía, por exemplo, do internato pra comer frutas fora... então, assim, a gente procurou sempre criar esse ambiente bonito com os alunos.” [MALVINA]



“Nós tínhamos o internato... nós tínhamos até cento e vinte meninas. Na parte de cima, lá em cima, tinha três dormitórios: dormitório das pequenas, das médias e das maiores [...] e cada dormitório tinha uma irmã que dormia.” [MALVINA]

“E depois, por exemplo, quem se achou que encantou com a vida religiosa que nem eu, continuei, né... e as outras terminaram aqui e foram para casa, depois estudaram.” [MALVINA]



“As internas tinham anuidade, mensalidade delas, tanto que as famílias eram famílias de posse que botavam as internas para estudar, para aprender, porque aqui tinham todos os extraordinários.” [LEONILDA]

“Se essa gente fosse ver o ambiente que vocês têm hoje... eu nunca imaginei que fosse uma coisa tão bonita como está aqui dentro [...] e eu não sei como é que vocês conseguiram fazer tanta transformação... e mesmo aquela parte de cá está tudo mudado, quanta coisa que foi feita.”

[MALVINA]



“É interessante que o Colégio Bom Conselho conservou a fundação, ele conservou a fundação... eles levaram a história... único colégio estadual que conservou a fundação.” [MALVINA]



E VOCÊ LEITOR, CONHECE ALGUÉM DAS FOTOS?
CONHECE ALGUÉM QUE ESTUDOU NO COLÉGIO
BOM CONSELHO? COMPARTILHE CONOSCO AS
SUAS MEMÓRIAS E NOS AJUDE A RESGATAR A
HISTÓRIA DO COLÉGIO!



o passado





DATA EFETIVA DE CIRCULAÇÃO

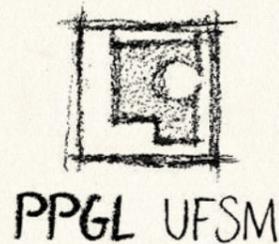
Dezembro de 2021

IMPRESSÃO

Imprensa Universitária da UFSM
Avenida Roraima, 1000 – Predio 6
Campus Universitário - Bairro Camobi
CEP 97119-900 - Santa Maria – RS
Fone: (55) 3220-8249

NÃO SEI SE A VIDA É CURTA OU LONGA DEMAIS PARA NÓS, MAS SEI QUE NADA DO QUE
VIVEMOS TEM SENTIDO, SE NÃO TOCARMOS O CORAÇÃO DAS PESSOAS.

- CORA CORALINA -



Essa Coleção foi produzida utilizando as fontes Rockwell (corpo), Special Elite (corpo) e Poor Richard (títulos).

Copyright ©, Astigmatic, Special Elite mimics the Smith Corona Special Elite Type Number NR6 and Remington Noiseless typewriter models. With Reserved Font Name "Special Elite".

Digitized data copyright © 1992 - 1997 The Monotype Corporation. Rockwell® is a trademark of The Monotype Corporation which may be registered in certain jurisdictions. Portions copyright Microsoft Corporation. With Reserved Font Name "Rockwell".

Design copyright © P.L.Digital, Inc., data copyright Projective Solutions, Inc., additional data copyright Type Solutions, Inc. Portions Copyright 1994 Microsoft Corporation. With Reserved Font Name "Poor Richard".